



*Agenda 150 Anos de Memória  
Histórica do Tribunal Bandeirante*

*Homenagem ao  
Desembargador Caio Eduardo Canguçu  
de Almeida*

*14/05/2018*

# ÍNDICE

Clique nas chamadas para ser remetido para a página onde se localiza o texto

ABERTURA - Des. Mário Devienne Ferraz

DISCURSO - Des<sup>a</sup> Ligia Crsitina de Araújo Bisogni (Oradora em nome do Tribunal de Justiça)

DISCURSO PROFERIDO EM NOME DA FAMÍLIA - Alexandre Carvalho e Silva de Almeida  
(filho do homenageado)

DISCURSO DE AGRADECIMENTO - Des. Caio Eduardo Canguçu de Almeida (Homenageado)

ENCERRAMENTO - Des. Manoel de Queiroz Pereira Calças (Presidente do Tribunal de Justiça)

A Corte paulista, em cerimônia realizada no Palácio da Justiça, homenageou o desembargador **José Alberto Weiss de Andrade**, em continuidade à Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante.

Familiares, amigos e colegas de Magistratura homenagearam o desembargador Caio Eduardo Canguçu de Almeida, no Palácio da Justiça, em mais um evento da **Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal de Justiça Bandeirante**. O objetivo do projeto é resgatar o exemplo deixado pelos magistrados de outrora às atuais gerações.

A Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante recebeu ontem (14) o Desembargador Caio Eduardo Canguçu de Almeida, vice-presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo no biênio 2006/2007, para celebrar a trajetória de décadas de dedicação à Magistratura paulista. “A finalidade do projeto é homenagear integrantes e ex-integrantes desta Casa que tenham contribuído para o aprimoramento da Justiça do Estado de São Paulo e do País”, afirmou ao abrir evento o coordenador do projeto Agenda 150 Anos, desembargador **Mário Devienne Ferraz**. Segundo ele, o homenageado é uma das figuras “mais brilhantes” da história da Corte, “cujos votos enriquecem ainda hoje o repertório jurisprudencial deste Tribunal de Justiça”.

Após vídeo que resgatou momentos da trajetória do homenageado, tomou a palavra desembargadora **Ligia Cristina de Araújo Bisogni**, oradora em nome da Corte:

Exmos. Desembargadores – Membros do Conselho Superior da Magistratura – Exmo. Desembargador Mário Devienne Ferraz, coordenador da Agenda 150 Anos de História do TJSP - Autoridades nominadas pelo chefe do cerimonial – Colegas – Serventuários, Senhores e Senhoras.

Por deferência do Exmo. Presidente deste Egrégio Tribunal, Desembargador MANOEL DE QUEIROZ PEREIRA CALÇAS, coube-me a ingente tarefa de externar, na medida das minhas limitações pessoais, a notoriedade do homenageado – e esta eterna aprendiz aceitou honrosamente a incumbência, sabedora do grau de sua responsabilidade que, vale dizer, se agrava diante de tantas qualidades e virtudes que marcam a trajetória, de mais de 4 ( quatro) décadas, do Desembargador CAIO EDUARDO CANGUÇU DE ALMEIDA - todavia, peço licença para confessar o quanto me emociona e o quanto me estimulou buscar singelas palavras para expressar um pouco da vida do nosso homenageado e me dirigir, em nome do Tribunal, aos membros do Tribunal de Justiça Bandeirante e amigos que, presentes nesta solenidade, por certo fariam melhor e com mais eloquência – mas, “não fossem os caminhos da emoção a que leva o pensamento, pensar já teria sido catalogado como um modo de se divertir.” (Cecília Meireles).

Evidente que se trata de tarefa difícil, pois a grandeza d’alma, a humildade, cultura e independência são virtudes que não se encerram em textos escritos, mas afastadas das fórmulas abstratas ganham corpo e se concretizam no convívio diário, nas relações sociais e principalmente no trato daqueles que, como esta desembargadora, tiveram, e ainda tem, a felicidade da convivência com o ilustre Desembargador CAIO CANGUÇU.

Posso acentuar que quanto mais conheço e convivo com o homenageado, mais me fascina a sua maneira de ser, pois os predicados morais e intelectuais convivem em harmonia com a sua simplicidade e modéstia no trato com as pessoas que dele se aproximam.

Na rotina diária e estilo de vida do nosso homenageado, a vocação nata do magistrado sempre marcou suas conversas, e seu comportamento soube, com precisão cirúrgica, exaltar o bem maior perseguido no exercício de sua função – Justiça!

Nascido em Campinas aos 17 de Junho de 1939 e, Bacharel pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo nos agitados idos de 1964, aos 28 anos, portanto em julho de 1967, ingressou no Poder Judiciário Paulista, após enfrentar o árduo concurso de provas e títulos – Naquele tempo, o jovem magistrado, casado com sua querida e amada Maria de Lourdes Carvalho e Silva de Almeida – a Malu – conciliava o exercício da judicatura com as



preocupações de pai responsável e zeloso, ei que o casal possuía três (3) filhos – Alexandre, Fernando e André - e, mais tarde vieram os outros dois (2) Juliana e Rodrigo, completando a exemplar família, berço de ensinamentos e fonte de princípios cultivados pelo casal. Caio e Malu nunca se distanciavam dos cuidados com a educação e a boa formação da prole, mantendo-se até os dias de hoje fiéis aos princípios basilares que servem de estrutura para a família.

O núcleo familiar cresceu e filhos, filha, noras, genro, netas e netos comparecem nesta solenidade para saudarem o pai, avô e companheiro inseparável da Malu.

Bem verdade que as mudanças engendradas pela carreira com lembranças trazidas na bagagem e o modelo do bom e justo juiz que marcou a passagem nas comarcas – Catanduva, Tambaú, Porto Ferreira e Barretos, e o fez chegar à Capital em 1977, seguindo ao ingresso no Extinto Tribunal de Alçada Criminal, em 18 de abril de 1983, e todas essas experiências, sem dúvida, contribuíram para fortificar as convicções do nosso homenageado, além de realçarem seu saber jurídico, destacando-se, principalmente, por meio de suas célebres decisões, a preocupação constante no resguardo das garantias individuais na aplicação do direito, como condição única da verdadeira distribuição da justiça – nessa toada, jamais se abatendo ou se abalando com a notoriedade que determinado caso concreto pudesse repercutir no meio social – sua preocupação, repita-se – era a finalidade social e o bem comum.

Com o referido preparo jurídico-cultural no exercício da nobre função jurisdicional, merecidamente, em 16 de junho de 1988, passou a integrar os quadros do Egrégio Tribunal de Justiça de São Paulo. E, aqui, por meio de seus votos e decisões, continuou o magistrado a sua incansável caminhada e, a partir de então soma-se às virtudes a experiência que imprime coragem maior e segurança inabalável no enfrentamento de questões mais complexas ou que demandam maturidade intelectual.

A título de ilustração cito apenas três casos que tomaram conta da mídia nacional e internacional das conversas sociais que fervilhavam à época em que os julgamentos ocorreram – “O crime da rua Cuba” – “O assalto ao banco do Estado de São Paulo” – Decisão de prisão preventiva – caso da menina Isabela Nardoni”.

Por mais que tenha desejado elaborar uma singela mensagem que pudesse marcar esta homenagem, como se fosse possível dividir a vida do nosso amigo, Desembargador CAIO CANGUÇU, em alguns tópicos ou capítulos – a tarefa se mostra incompleta, afinal nosso homenageado tem o dom de somar ao longo da sua trajetória inúmeros momentos inesquecíveis, como se vividos em um mesmo instante aos olhos dessa plateia.

E queira Deus venham outros momentos para agregarem o que ora estamos vivendo.

O homem elegante, cordial, cujo tom de voz pausado conjuga-se, facilmente, com seu jeito de olhar e realçam respeito e confiança, além do que, o nosso homenageado sabe despertar, com altivez, a atenção de quem quer que pretenda seja o destinatário de suas sábias palavras.

Com essas qualidades, em dezembro de 2005, foi eleito ao cargo de Vice Presidente do Tribunal de Justiça, função que exerceu com altivez, segurança, respeito de seus pares e de todos que o cercavam.

Todavia, a credibilidade depositada por seus colegas somada aos seus reconhecidos predicados, nos idos de 2007, embora motivado a concorrer ao cargo de Presidente desta Corte, tal desejo não pode ser concretizado, pois o Judiciário, naquele momento, submetido a uma Reforma, ainda não tinha uma resposta segura sobre a indicação de candidatos em um universo de 360 desembargadores, oscilando as opiniões e fragilizando eventual inscrições de candidatura.

Por conseguinte, com base em princípios informadores e compromisso assumido na magistratura, o Desembargador Caio Canguçu curvou-se à decisão da Corte Suprema e jamais se opôs aos ditames inculpidos naquele provimento que prestigiava o critério exclusivo da antiguidade para o mais alto cargo do Judiciário Paulista.

Daquela cenário, mais precisamente, da decisão de 21 de novembro de 2007, proclamada pela maioria dos membros integrantes do Órgão Especial desta Egrégia Corte de Justiça, creio possa se extrair a lição, sintetizada nas palavras de Anatole France – “...as verdades descobertas pela inteligência permanecem estéreis! Só o coração é capaz de fecundar seus sonhos. Ele dá vida a tudo que ama. É pelo sentimento que as sementes do bem são lançadas



ao mundo...”.

Por último, mas não o último argumento em prol do homenageado e com objetivo de saudá-lo, resalto que o dia de hoje – 14 de Maio – marcado na Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal de Justiça Paulista, mais uma vez, cumpre sua finalidade – dignificar desembargadores, juizes, servidores do Judiciário Paulista e agradecer – agradecer aos familiares, amigos, amigas, colegas de luta e de histórias vividas – servidores – agradecer a oportunidade e ainda encerrar, valendo-me, como ao início da poetisa Cecília Meireles :” Há pessoas que nos falam e nem as escutam; há pessoas que ferem e nem cicatrizes deixam, mas há pessoas que simplesmente aparecem em nossas vidas e nos marcam para sempre” – assim que V. Exa. Desembargador Caio Eduardo Canguçu de Almeida marcou as nossas vidas e a História deste Tribunal!

Em nome da família, discursou o juiz substituto em 2º grau Alexandre Carvalho e Silva de Almeida, filho do homenageado:

Excelentíssimo Senhor Des. Manoel de Queiróz Pereira Calças, digníssimo Presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo. Na pessoa de Vossa Excelência peço licença para cumprimentar todas as autoridades e amigos presentes a essa solenidade.

Inicialmente, peço desculpas pela minha limitação, pois não tenho o dom da oratória, tampouco a facilidade de falar em público. Mas, tratando-se de homenagem a pessoa tão querida e tão admirada, não poderia deixar de aceitar esse encargo.

Nessa data, então, coube a mim a honra de representar a família do Des. Caio Eduardo Canguçu de Almeida, para agradecer a homenagem que presta o Tribunal de Justiça, nessa comemoração de seus 150 anos de Memória Histórica da Corte.

Pensando sobre a mensagem que deveria trazer nessa solenidade, com o intuito de agradecer ao Tribunal e seus representantes em nome da nossa família, toda ela emocionada pela lembrança do nome de nosso pai, lembrei-me das outras ocasiões em que estivemos presentes nesse lindo prédio.

Senhoras e senhores, no dia 16 de junho de 1988, há quase trinta anos, portanto, minha mãe e seus cinco filhos, três deles já estudantes de direito, vieram ao Tribunal de Justiça para a posse de nosso pai no cargo de Desembargador desta Corte.

A cerimônia, que foi marcada por grande emoção, e pela presença de inúmeros amigos e colegas, era o coroamento de uma longa carreira – que passou pelas cidades de Catanduva, Tambaú, Porto Ferreira e Barretos, até chegar à Capital, onde ele também integrou o extinto Tribunal de Alçada Criminal – a verdadeira realização profissional.

Aquele foi, sem dúvida, para todos nós, e especialmente para nosso pai, um dia inesquecível, que até hoje é lembrado em nossas reuniões familiares.

Posteriormente, no início do ano de 2006, viemos novamente ao Tribunal de Justiça, agora para assistir sua posse como Vice-Presidente e integrante do Conselho Superior da Magistratura Paulista, durante o biênio de 2006/2007, cargo que para o qual foi eleito por expressiva votação do colegiado e que demonstrou todo o prestígio que tinha junto ao Tribunal de Justiça.

Mais uma vez a emoção tomou conta de todos nós, que jamais imaginamos que ele teria o privilégio de exercer tão honroso cargo no Tribunal de Justiça.

Foram essas as poucas vezes, pelo que me lembro, que estivemos todos (ou quase todos) juntos no Tribunal de Justiça, mas todas ocasiões muito especiais, onde, para nosso orgulho, o Des. Canguçu de Almeida era o centro das atenções, sempre aplaudido e elogiado pelas suas qualidades pessoais, mas, também por seu carisma, sua competência e capacidade de respeitar e ser respeitado por seus pares.

Hoje, portanto, depois de tanto tempo, quase nove anos de sua aposentadoria, que só aconteceu por imposição legal, pois, se dependesse de sua vontade, jamais deixaria a Magistratura, voltamos ao Tribunal de Justiça, mas com a família bem mais numerosa – um genro, quatro noras e 13 netos, parte deles presentes nesse ato – para mais uma



justa homenagem, talvez a mais importante, principalmente porque já não é mais integrante do Tribunal de Justiça, e mesmo assim foi lembrado para participar dessa comemoração.

Agradecemos, então, de coração, ao Tribunal de Justiça, a honra e a oportunidade que nos proporciona mais uma vez, de ver o nome de nosso pai presente, ao lado de outras tantas ilustres autoridades que integram e integraram essa Corte.

Mas, com a licença de todos, a homenagem é justa e merecida, repito, ainda que com evidente suspeição.

Afinal, foram tantos anos dedicados à Magistratura Paulista, com prejuízo da vida familiar e social – e aqui, peço licença para abrir um parêntese e estender a homenagem a nossa querida mãe Malu, companheira inseparável e de todas as horas, que sempre esteve ao seu lado apoiando suas escolhas e comemorando suas conquistas – sempre com o desejo de fazer o melhor, pois, como sempre fez questão de enfatizar, foi juiz por vocação, sem pretensão de sucesso financeiro ou de benefícios e honrarias do cargo.

Nosso pai é um exemplo e uma referência para nós, inspira todos seus filhos, tanto que quatro deles (e até agora, pelo menos uma neta), atualmente militam na área jurídica e procuram dar continuidade – embora sem a pretensão de terem o mesmo brilho – à sua caminhada em busca de fazer Justiça.

Essa homenagem, na verdade, é voltada a uma pessoa especial, a um grande Homem, àquele que nos ensina a ser uma pessoa melhor, com princípios e respeito ao próximo. Quem conhece o Des. Canguçu de Almeida sabe que são sinceros os elogios e é merecida mais essa lembrança que marcará sua trajetória como um dos grandes integrantes do Tribunal de Justiça de São Paulo.

Assim, senhor Presidente, sem me alongar, inclusive para não me tornar cansativo, quero agradecer, mais uma vez, em nome de toda família, a oportunidade e a honra de estarmos presentes a essa justa homenagem a quem dedicou toda a vida ao Poder Judiciário de São Paulo, mais de 20 anos ao Tribunal de Justiça, e que, ainda hoje, tenham certeza, sente falta da convivência com seus amigos, colegas e com todos os funcionários dessa Casa.

Muito obrigado.

Em seguida, o desembargador **Caio Eduardo Canguçu de Almeida** discursou em agradecimento:

Exmo. Sr. Desembargador Manoel de Queiroz Pereira Calças, Digníssimo Presidente do E. Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, na pessoa de quem saúdo os demais dirigentes desta Corte aqui presentes. Colegas magistrados, membros do Ministério Público, senhores advogados prezadíssimos funcionários da Casa, queridos amigos.

A primeira lição da vida, se soubermos viver, disse certa feita Tristão de Atayde, seria a de não termos, jamais, surpresas. O dia a dia sempre nos mostra, invariavelmente, fatos banais ou grandiosos, que devem nos servir à certeza de que tudo o que sobrevenha deve ser esperado sem admirações maiores.

Mas, em geral, essa primeira lição de vida acaba logo esquecida e o cotidiano das pessoas, mais para algumas, menos para outras, torna-se, não raro, um suceder de acontecimentos surpreendentes, muitas vezes inesperados.

É assim que me vejo e sinto hoje, ao fim dessa comovente solenidade, em que o Tribunal de Justiça de São Paulo, sem razões para fazê-lo, decidiu homenagear seu antigo desembargador. Como se já não o tivesse feito, e muito, ao longo dos mais de vinte anos de minha judicatura nessa Egrégia Corte.

Mas, como disse o poeta pensador, a primeira lição da vida há de ser a de não termos jamais surpresas. E se a bondade dos homens dessa Corte, desde seus magistrados até seus dedicadíssimos funcionários e funcionárias, não tem dimensão nem limites, como não esperar essa manifestação de amizade e de companheirismo que a mim e minha família tanto comovem?

É, então, ainda que dominado por um sentimento de surpresa, que só não é maior que aqui venho, reentrando emocionado e cheio de saudades neste majestoso Tribunal onde estive por um longo tempo de realização vocacional plena, aqui venho, digo-o novamente, formular um comovido agradecimento a todos aqueles que me obsequiaram com essa honraria que me outorgam.



Peço licença, por isso, para a todos dizer, com simplicidade e brevidade, que há ocasiões em que melhor seria calarem-se nossos lábios, para que se ouvisse, tão somente o falar mais doce de nossos corações. Eles falam mais ternamente, com mais carinho e espontaneidade, com mais amor, sentimentos melhor apropriados a certos e espontaneidade, com mais amor, sentimentos melhor apropriados a certos momentos, como este, em que as palavras oralmente proferidas nem sempre sabem traduzir.

Ouçam, então, e perceberão todos, que ele, o meu coração já cansado pelo passar inexorável do tempo, mas cujo cansaço nunca serviu para impedir a renovação de minha crença inabalável, de minha fé sempre presente na justiça de nossa terra e na grandiosidade do Tribunal de Justiça de São Paulo, perceberão todos, repito que está ele a agradecer-lhes, a um só tempo repleto de emoção e de muita saudade, por essa demonstração de bondade e de afeto tão próprias de cada membro deste sodalício. Mas ouçam, igualmente, que estará ele dizendo também, que aquele que por aqui aporta na satisfação de um ideal e de uma vocação, tal como se deu comigo no ano longínquo de 1988, daqui se vai levando consigo, como rica dádiva, para distribuí-la e proclamá-la pelo mundo, de amizade sincera, de carinho e de respeito para com seu semelhante.

Deu-me a vida, Senhor Presidente, muito mais do que merecia. Em relação a ela jamais assumi a postura de credor, eis que as benesses recebidas, entre as quais avultam uma família maravilhosa composta de esposa generosa, amiga e companheira há já mais de cinquenta anos, cinco filhos que são meu orgulho, meu amanhã e a certeza de que sabem justificar sua condição de filhos de Deus, feitos à imagem e semelhança do Criador; deu-me genro, noras e treze netos, que são, todos, novos filhos que vieram a nós se somar e, por fim, se tudo isso já não bastasse, deu-me ainda a vida, o privilégio de ter assento nesta corte, compor seu Órgão Especial e o Colendo Conselho da Magistratura. E se não pude aqui fazer de meus códigos verdadeiros evangelhos e de minha toga a sotaina de um apóstolo, como me impunha o dever sagrado de bem julgar, atrevo-me a dizer, apenas, sem falsa modéstia, que procurei sempre, sem limitação de esforços, sem esmorecimento, fazer prevalecer o direito e o justo que nos reclamava a sociedade aflita e assim, quem sabe, fazer-me merecedor e digno dessa dádiva edificante que é a tarefa de julgar a que me propus um dia.

Encerro, então, Senhor Presidente essas minhas brevíssimas palavras, assegurando a Vossa Excelência e ao E. Tribunal de Justiça de São Paulo, que a saudade é muito forte. Não a amenizam, antes a agravam, a singela recordação de um tempo muito feliz, ou o vínculo perene de amizades tão sinceras que por aqui granjeei. Peço então a Deus, tão somente, que não faltasse razão ao poeta quando na procura de um bálsamo para a dor que lhe causa a separação do amigo, insiste empregar: “quando vos separais de vosso amigo, não vos aflijais; pois o que vós amais nele pode tornar-se mais claro na sua ausência, como ao alpinista a montanha aparece mais clara vista da planície”. E que eu, sempre lembrado disso, longe daqui um dia, em um canto qualquer do mundo, e ainda que a planície seja distante continue a ver e sentir, tal como vejo e sinto agora, a formosura de seus corações, a grandiosidade e o respeito que a todos impõe o Egrégio Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.

Por tanta generosidade, Senhor Presidente, peço a Vossa Excelência seja o portador, junto a todos desta Casa, do meu comovido MUITO OBRIGADO.

Ao encerrar a homenagem, o presidente da Corte, desembargador **Manoel de Queiroz Pereira Calças**, declarou que um tema perpassou toda a trajetória de Canguçu de Almeida: o amor ao Tribunal. Segundo o presidente, toda a postura, a conduta e o modo de conduzir a vida profissional e pessoal demonstram que o homenageado “ama, amou e continuará a amar o Tribunal paulista”. Pereira Calças recorreu à poesia para ilustrar sua ponderação e declamou “Via Láctea”, do parnasiano Olavo Bilac, que se encerra com os seguintes versos: “Pois só quem ama pode ter ouvido / Capaz de ouvir e de entender estrelas”.

Também prestigiaram a solenidade o deputado federal Arnaldo Faria de Sá; o vice-presidente do TJSP, desembargador Artur Marques da Silva Filho; o corregedor-geral da Justiça do Estado de São Paulo, desembargador Geraldo Francisco Pinheiro Franco; o presidente da Seção de Direito Público do TJSP, desembargador Getúlio Evaristo dos Santos Neto; o presidente da Seção de Direito Criminal, desembargador Fernando Antonio Torres



Garcia; os ex-presidentes do Tribunal desembargadores José Roberto Bedran e José Renato Nalini; os ex-vice-presidentes desembargadores José Gaspar Gonzaga Franceschini, Eros Piceli e Ademir de Carvalho Bedito; os ex-corregedores-gerais da Justiça do Estado de São Paulo desembargadores Maurício da Costa Carvalho Vidigal e Gilberto Passos de Freitas; o ex-presidente da Seção de Direito Criminal desembargador Renato de Salles Abreu Filho; o desembargador Antonio Luiz Pires Neto, representando a Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo; o presidente da Associação Paulista dos Magistrados, juiz Fernando Figueiredo Bartoletti; a defensora pública coordenadora auxiliar do Núcleo Especializado de 2ª Instância e Tribunais Superiores, Maira Ferreira Tasso, representando o defensor público-geral; o decano da Academia Paulista de Letras, poeta Paulo Bomfim; a esposa do homenageado, Maria de Lourdes Carvalho e Silva de Almeida; os filhos Fernando, André, Juliana e Rodrigo; desembargadores, juízes, integrantes do Ministério Público, defensores públicos, advogados, familiares e servidores da Justiça.

